

CÍRCULOS DE LETRAMENTOS: UMA PRÁTICA DE TERAPIA CULTURAL

Francisco Silva Cavalcante Junior*

RESUMO

Este trabalho apresenta os fundamentos do modelo de terapia cultural desenvolvido por George e Louise Spindler (1994) nos Estados Unidos e a sua aplicação em um contexto cultural brasileiro, através da prática de Círculos de Letramentos com professores do ensino fundamental de um município cearense. Os resultados preliminares dessa prática revelam que os professores participantes dos Círculos passam a compreender a diversidade de seus alunos, pluralizando e incluindo os seus múltiplos potenciais e reconhecem a importância de uma prática pedagógica voltada para o engrandecimento dos potenciais humanos.

Palavras-chave: Letramentos – terapia cultural – conscientização – potenciais humanos.

Literacy circles: a cultural therapy practice

ABSTRACT

This paper introduces the foundations of a cultural therapy model created by George and Louise Spindler (1994) in the United States and presents its application to a Brazilian cultural context through the practice of Circles of Literacy with elementary school teachers from a town in Ceará. The preliminary results of this practice reveal that teachers participating in these Circles start to understand the diversity of their students, making plural and including their multiple potentials and recognizing the importance of a pedagogical practice that is enhancing of human potentials.

Key words – Literacy – cultural therapy – consciousness – human potentials.

* Psicólogo, Mestre em Educação Especial e Ph.D. em Leitura e Escrita pela *University of New Hampshire* (Apoio: CNPq). Professor titular dos cursos de graduação e mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

1 INTRODUÇÃO

Enquanto pessoas que vivemos no mundo e com ele interagimos, somos constantemente influenciados por múltiplas culturas que estão, consciente e inconscientemente, presentes em tudo que fazemos, dizemos ou pensamos (cf. Spindler e Spindler, 1994). Visando trabalhar as influências culturais no comportamento humano do dia-a-dia, desenvolvemos não uma nova forma de terapia, mas um jeito de caminhar diferente por um caminho já existente. Optamos por chamar de *Círculos de Letramentos* o contexto para a nossa prática de terapia cultural. Essa prática é uma extensão das idéias de Paulo Freire (1970), George e Louise Spindler (1989, 1994), Trueba (1993) e McDermott e Varenne (1995). Nos *Círculos de Letramentos*, os participantes são convidados a compreender por que eles fazem o que fazem nas suas vidas, trazendo a um nível de consciência as suas próprias condições culturais e históricas. Essa tomada de consciência os leva a uma libertação das experiências opressivas e dominadoras, promovendo uma conscientização dos seus próprios valores culturais e a sua tolerância para com os diferentes estilos de vida dos outros (Trueba, op. cit.).

Neste trabalho, apresentamos um breve histórico e os fundamentos da terapia cultural; relatamos a nossa aplicação no contexto brasileiro através dos *Círculos de Letramentos*; descrevemos uma primeira experiência de sucesso com a prática da terapia cultural com professores em um município cearense e mostramos, nas falas das participantes de um *Círculo de Letramentos*, os primeiros passos de mudança.

2 BREVE HISTÓRICO DA TERAPIA CULTURAL

A construção do que hoje denominamos terapia cultural teve o seu início em 1950 com o trabalho pioneiro do antropólogo americano George Spindler. Há décadas estudando as culturas dos *Blood Indians* e dos *Mistassini Cree Hunters* no Canadá, em 1950 George Spindler foi convidado a fazer parte

de uma equipe para estudar a cultura educacional do seu próprio país. Acostumado a observar a cultura “estranha” (o outro), considerou um grande desafio estudar a sua própria cultura (o familiar).

Com um diário de campo em mãos, George Spindler se angustiou por não saber o que observar. Passara dias mudando de uma sala de aula para outra, numa escola de ensino fundamental, observando professores e alunos, mas não sabia o que escrever sobre o que observava. O familiar lhe era muito familiar. Naqueles dias, lembrou-se de uma frase de Margaret Mead, que uma vez disse: *Se um peixe se tornasse um antropólogo, a última coisa que ele descobriria seria a água* (apud Spindler e Spindler, 1982, p. 24). Ele se sentia um peixe americano. A última coisa que veria nas suas observações seriam os valores culturais da sua própria cultura e como estes se apresentavam nas salas de aula. Com o passar dos meses, o seu caderno de campo, que até então estava limpo de observações, começou a ser preenchido com “fenômenos culturais” que foram dando forma a sua pesquisa. O processo de tradução cultural do familiar para o estranho e de volta ao familiar começou a acontecer.

Numa das suas observações, George Spindler conheceu o professor Roger Harker, que ensinava a quarta série do ensino fundamental na escola onde desenvolvia a sua pesquisa. Roger se voluntariou¹ para fazer parte do trabalho de George Spindler, pois desejava aprimorar a sua capacidade profissional.

Numa tarde de observação, um fenômeno começou a emergir e a sala de aula de Roger Harker² ganhou uma vida antropológica. Aos olhos de George Spindler, o professor Roger interagia de forma diferente com vários alunos na sua sala, justamente aqueles que representavam uma classe social diferente das dos outros alunos. A partir de algumas observações de Spindler sobre o comportamento de Roger – como o balançar de sua cabeça, sorrisos, piscar de olhos, postura, envolvimento em sala, tom de voz, incentivos, frequência de aproximação dos alunos, entre outras – evidenciou-se que Roger estava privilegiando aqueles alunos que eram as suas *cópias culturais*

¹ Desse estudo somente professores voluntários podiam fazer parte.

² Esse estudo de caso foi relatado em diversas publicações dos autores, dentre elas, recomendamos Spindler e Spindler (1982).

(branco, classe média e alta) em prejuízo daqueles que lhe eram diferentes, ou de uma forma sutil, opostos a ele e a sua cultura.

O professor Roger não conseguia perceber a forma diferenciada como estava agindo com os seus alunos. Na verdade, sentia orgulho de ser “justo” com todos eles, aberto aos seus problemas, sem favoritismos. Era considerado pelos diretores da escola um dos melhores professores.

Como parte do trabalho de George Spindler, cabia-lhe a responsabilidade de compartilhar com o professor Roger as suas observações. Estava claro, nas observações do pesquisador, que Roger estava representando os seus preconceitos e expectativas culturais, favorecendo uns em detrimento de outros. O primeiro encontro com o pesquisador deixou Roger muito mal-humorado. Ele não acreditava que todo o seu ideal de ensino estava sendo destruído pelo seu comportamento em sala de aula. Mesmo com medo, permitiu-se dialogar durante vários encontros com o pesquisador e usufruir ao máximo da oportunidade de mudança que lhe estava sendo apresentada. Terminou aceitando a sua tendenciosidade não intencional em sala de aula. Isso lhe permitiu não só compreender a fonte geradora desse viés, como também aprender a não se culpar pelo seu comportamento. Não se tratava de um problema da “personalidade” do professor; tratava-se de um assunto profissional, que estava sendo influenciado por sua cultura e que, conseqüentemente, influenciava as percepções que tinha dos seus alunos e o seu comportamento em sala de aula. Ao final de seis meses de trabalho com George Spindler, o professor Roger Harker aprendeu a conviver com a diversidade de alunos em sua sala de aula e assim nasceu a terapia cultural.

A primeira menção à terapia cultural foi feita em Spindler (1959), resultado da pesquisa desenvolvida pelo autor com Roger Harker e vários outros professores, em que o estudo de caso apresentado acima é descrito e analisado detalhadamente.

Quarenta anos depois, o trabalho de George Spindler é reconhecido e aplicado internacionalmente (cf. Spindler e Spindler, 1994). No decorrer da sua carreira construída com a sua esposa e também antropóloga Louise Spindler, foram publicados dezenas de livros e centenas de artigos sobre os mais diversos temas da antropologia cultural. No entan-

to, entre todos esses temas, a terapia cultural é considerada a grande contribuição desses pesquisadores para as próximas gerações. Um outro renomado estudioso da terapia cultural, o antropólogo Henry Trueba (1994), lembra-nos que “a terapia cultural é visionária e preventiva ao centrar o seu foco de atenção na necessidade de cura. Sim, a humanidade inteira precisa se curar das suas múltiplas feridas, conflitos e contradições e a forma de se alcançar essa cura é através de uma melhor compreensão da natureza das culturas locais e das relações interpessoais” (p. vii). Esse mesmo autor pergunta: *será que alguém realmente questionaria a necessidade universal de cura?* (p. vii). As histórias do cotidiano nos mostram a crueldade, a guerra, o ódio, os conflitos que dividem nações, regiões, estados, cidades e pessoas. Elas revelam as feridas e o sofrimento de muitos.

A condição *sine qua non* para a cura das feridas causadas pelo racismo, preconceito e intolerância consiste na compreensão de como a linguagem e a cultura exercem uma forte influência na construção do sujeito que nos tornamos. A contribuição da terapia cultural para a cura da humanidade está na promoção, através de um processo de conscientização, da libertação das experiências opressivas e dominadoras, tornando explícitos os valores culturais de cada sujeito. Assim, esse processo pode promover a tolerância para com os diferentes estilos de vida dos sujeitos contemporâneos, ajudando a construir sociedades onde iguais e diferentes viverão juntos sem julgamentos.

3 FUNDAMENTOS DE UMA TERAPIA CULTURAL

O processo de terapia cultural criado por George e Louise Spindler (1989, 1994) para promover a conscientização cultural guarda semelhanças com o método desenvolvido por Paulo Freire (1970) para a tomada de consciência. Como Paulo Freire, George e Louise Spindler acreditam que para que se consiga ser humano e livre, é necessário, primeiro, se compreender a sua cultura étnica e as condições históricas pessoais. Esse método surge a partir do processo que Freire denominou conscientização. Como pessoas no-e-com o mundo, os seres humanos e o mundo estão em íntima transação uns com os outros, da

mesma forma que uma mão toca a outra. A compreensão dessa transação pessoa-mundo é o que acontece no processo de conscientização, que faz com que a pessoa desenvolva uma consciência crítica em relação ao seu mundo. A formação de uma consciência crítica leva a uma libertação de uma cultura dominante, conseguida como resultado da práxis, que “implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1970, p. 67).

Enquanto o método de Paulo Freire é centrado na promoção da conscientização dos oprimidos, o processo de terapia cultural criado por George e Louise Spindler vem sendo aplicado com pessoas em posições de poder (e.g.: professores) na relação com indivíduos de grupos minoritários ou de outros grupos historicamente em desvantagem. De um mesmo grupo de terapia cultural participam o que Paulo Freire denominou oprimidos e opressores, através da constituição de um grupo o mais heterogêneo possível, representante dos dois lados de uma mesma moeda. Portanto, a terapia cultural se torna complementar ao processo de conscientização. Conforme diz Marcelo Suárez-Orozco (1992), ela é o “outro lado da moeda no método de Freire para ‘promover a conscientização’ dos oprimidos” (p. 50-51). George e Louise Spindler (1989) também reconhecem as semelhanças dos dois processos que visam à conscientização das pessoas neles envolvidos: “esse processo envolve um tipo de promoção de consciência parecido com a ‘conscientização’ de Paulo Freire” (p. 41).

Uma primeira definição do que venha a ser a terapia cultural desenvolvida por George e Louise Spindler é apresentada pelos autores como sendo:

um processo que traz a cultura de uma pessoa, nas suas múltiplas formas - crenças, preconceitos, aspirações, valores e modos de comunicação - a um nível de consciência que permita a uma pessoa percebê-la como uma forte tendência que influencia na sua interação social e na aquisição ou transmissão de habilidades e conhecimentos - o que mais tarde chamamos de “competências instrumentais”. Ao mesmo tempo que a cultura de uma pessoa é trazida a esse nível de consciência, ela é vista em relação à cultura do “outro”, facilitando a identificação de potenciais conflitos, mal entendidos e “pontos cegos” na percepção e interpretação de com-

portamentos. A cultura de uma pessoa, bem como a cultura do outro, se tornam uma “terceira presença”, distante de alguma forma da pessoa, para que as suas ações possam ser compreendidas como sendo “causadas” pela cultura e pela interação com o “outro” e não pela personalidade de uma pessoa. (Spindler e Spindler, 1994, p. 4-5)

O processo de terapia cultural tem sido aplicado em diferentes contextos. Na educação, vem sendo utilizado, por exemplo, para investigar o papel da cultura e da bagagem social na determinação de oportunidades de sucesso na sala de aula (Schram, 1994, 1998), para estudar a cultura escolar como uma dimensão essencial que pode bloquear ou promover mudanças (Finnan, 1994), para estudar os processos educacionais em creches no Japão e nos Estados Unidos (Fujita e Sano, 1988) e como um processo terapêutico aplicado à escola, à comunidade e ao lar (Trueba, 1993). Dentro desse contexto maior, a

terapia cultural nos permite ter uma compreensão holística do por que as pessoas fazem o que elas fazem, e como elas interpretam comportamentos no convívio um com outro e entre grupos. A premissa básica da terapia cultural é que ela promove a conscientização dos nossos próprios valores culturais e a nossa tolerância para com os estilos de vida dos outros. (Trueba, op. cit., p. 155)

O modelo de terapia cultural concebido por George e Louise Spindler invoca componentes psicológicos, muito embora estes não sejam o centro do processo. Em vez disso, o centro é a “cultura da pessoa e a forma como essa cultura influencia nos seus relacionamentos” (Spindler e Spindler, 1994, p. 4). Um dos seus exemplos clássicos de terapia cultural aplicado à educação é o caso de Roger Harker, apresentado anteriormente. Culturalmente falando, o que emergiu de significativo nesse estudo dos Spindlers foi como a bagagem histórico-cultural de Roger - uma pessoa de classe média alta, branco, protestante - exercia um forte impacto sobre a sua performance em sala de aula. A terapia cultural, no caso de Roger Harker, o ajudou a tornar-se consciente dos preconceitos que levava para a sua sala de aula e que tiveram um efeito imediato sobre o seu comportamento e na sua relação com os alunos.

Precisamos ter muita cautela ao usarmos a palavra “terapia” pelas múltiplas interpretações que a ela são associadas. George e Louise Spindler (1994) nos advertem que “o que estamos fazendo nem sempre poderá ser denominado explicitamente de “terapia cultural”. Existem perigos nesse rótulo. As pessoas se negam a fazer terapia quando acham que não estão doentes. E, freqüentemente, os mais doentes são aqueles que se opõem mais firmemente” (p. 324). Para os Spindlers, a pergunta de quando a ‘terapia cultural’ termina e quando a psicoterapia começa tem uma resposta bastante clara: “quando os problemas *personais* sobrepujarem os problemas *culturais*” (1994, p. 324-325). A distinção entre o pessoal e o cultural pode, algumas vezes, ser difícil de ser discernida. Conforme disse o filósofo francês Merleau-Ponty (1968), o espaço que separa a pessoa e a cultura é como o ar que separa uma mão que toca a outra. É muito difícil saber qual mão está tocando a outra. A interação da pessoa com o mundo é o que Merleau-Ponty chamou de relação “intermundana” (l’intermonde), muito semelhante, talvez, à noção de Freire (1970) da pessoa no-e-com o mundo.

Por essa e outras razões, optamos por chamar de Círculos de Letramentos a nossa prática de terapia cultural, desenvolvida através do Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos (Cavalcante Jr., 1998; Cavalcante Jr. e Pereira, 1998).

4 O MÉTODO (CON)TEXTO DE LETRAMENTOS MÚLTIPLOS

Num Círculo de Letramentos, os participantes são convidados a compreender por que eles fazem o que fazem nas suas vidas, trazendo a um nível de consciência as suas próprias condições culturais e históricas. Essa tomada de consciência leva-os a uma libertação das experiências opressivas e dominadoras que tolheram os seus múltiplos potenciais, promovendo uma conscientização dos seus próprios valores culturais e a sua tolerância para com os diferentes jeitos de ser das muitas pessoas com quem convivem nos seus encontros diários.

Contudo, somente a tomada de consciência do porquê de os participantes fazerem o que fazem nas suas vidas não é suficiente para sustentar um processo de conscientização em um Círculo de

Letramentos. Eles precisam se sentir autores do processo de transformação da consciência em ação. Para que essa transição aconteça, eles precisam tirar de dentro deles as ferramentas que já existem e que permitirão que as suas idéias e sentimentos sejam expressados. Diferentemente da experiência vivida por muitos na educação tradicional, nos Círculos de Letramentos, aos participantes não se dizem quais ferramentas utilizar, nem como utilizá-las. A eles é pedido apenas que resgatem uma ferramenta de dentro de si que seja capaz de expressar as suas idéias e sentimentos com prazer. Esse método encoraja o participante a se comunicar e se expressar com suas ferramentas intrínsecas.

Nos Círculos de Letramentos, os participantes partilham as ferramentas que trazem consigo, aquelas que há muito tempo já existiam dentro de si, mas que não haviam encontrado ainda um espaço seguro para serem mostradas. É muito comum que muitas dessas ferramentas tenham sido, um dia, desvalorizadas ou relegadas ao esquecimento. Nesses momentos de opressão, o poeta emergente viu os seus versos rasgados; o dançarino, a sua sexualidade questionada; o pintor, a sua arte desvalorizada. Assim, muitos se calaram e se recolheram ao anonimato. Nos Círculos de Letramentos, os participantes encontram um espaço seguro para se revelar sem medo de serem julgados. Nesses grupos, um poeta descobre que a sua poesia tem o mesmo valor de uma pintura trazida por seu colega pintor. O pintor descobre que a sua arte vale tanto quanto a crônica da sua amiga escritora. A cantora compõe uma música com o seu amigo ator. Esses momentos, além de serem terapêuticos, trazem crescimento para os participantes.

A prática da terapia cultural nos Círculos de Letramentos é a representação da vida em cultura (cf. McDermott e Varenne, 1995), onde as pessoas partilham as suas múltiplas ferramentas de leitura e composição de mundo. A representação do mundo em que elas vivem é poliforme e multiletrada. Nesses círculos, os participantes descobrem que existem múltiplas formas de representação do mundo (poliforma) e muitas ferramentas (letramentos múltiplos) a serem escolhidas. O processo de terapia cultural se torna um produto da aprendizagem da leitura e composição de mundo, de modo que os participantes

utilizem as múltiplas ferramentas partilhadas no grupo, que darão uma nova forma a cada pessoa participante do processo.

O conceito de letramentos que estamos aqui apresentando defende que não existe somente uma única forma de ser letrado em um determinado contexto cultural. Ser letrado é ser capaz de usar as múltiplas ferramentas disponíveis para se ler e compor o mundo, aprendendo a dar o mesmo valor às múltiplas formas de representação das nossas respostas ao mundo.

A vida em cultura deve ser inclusiva da diversidade dos potenciais humanos. Ao se referir à cultura brasileira, o sociólogo Gilberto Freyre (apud Lopes, 1994) é enfático ao dizer que:

o Brasil não se define, como cultura, apenas pelos discursos pronunciados nas suas academias de letras, de filosofia e de ciências ou nas suas universidades. Define-se também pelas estórias contadas em português espontâneo, rústico, rude, porém expressivo. Por cantigas também espontâneas: cantos de analfabetos até. Pela sua sabedoria popular manifestada, por vezes, de modo surpreendentemente intuitivo e imaginativo. (p. xix)

Das bocas, mãos e gestos de pessoas comuns são produzidas obras de grande sabedoria. Foram estórias contadas e representadas por pessoas comuns que construíram muitas das obras-primas universais. No entanto, ainda são poucas as pessoas comuns que encontram espaço para dar as suas respostas ao mundo por elas vivido, representando as suas idéias e sentimentos através das suas múltiplas formas intrínsecas de comunicação e expressão. Para essas pessoas comuns, os Círculos de Letramentos servem de espaço para o cultivo dos seus múltiplos potenciais, valorizando, sem julgamentos, tudo o que são e sabem.

5 PROFESSORES EM CÍRCULOS DE LETRAMENTOS

Uma primeira experiência de aplicação dos Círculos de Letramentos vem sendo por nós coordenada no município de Itapajé, no norte do estado do

Ceará, desde fevereiro de 1998. Naquele ano, 30 professore(a)s do ensino fundamental do sistema de educação pública desse município foram selecionados para participar de um curso com a duração de 32 horas/aula, no qual vivenciaram e estudaram os fundamentos do Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos. Dos 30 participantes, numa segunda fase, 7 se voluntariaram para a continuação da difusão do método nas escolas e na comunidade de Itapajé. Essas 7 professoras foram acompanhadas por nossa equipe durante todo o ano de 1998, através de treinamentos em serviço e encontros mensais, momentos nos quais os seus anseios, dúvidas e idéias encontraram um fórum aberto para serem partilhados.

No início de 1999, essas 7 professoras se consideraram *empoderadas*³ para assumir um novo desafio através da constituição dos seus próprios Círculos de Letramentos, que, em diferentes locais no município, servem a alunos em idade escolar, adultos que nunca freqüentaram a escola ou deixaram de estudar, pais e mães de alunos e professores.

Para Angelane, a constituição do seu próprio Círculo de Letramentos representou um marco no seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional. Segundo ela, a sua prática enquanto tutora de um Círculo de Letramentos permitirá às pessoas da comunidade entrarem em contato com os livros. “Será o momento em que a escola irá até à comunidade”, relata a professora. O resultado do trabalho “já estou vendo”, disse ela, “todos da comunidade se tornando leitores e, conseqüentemente, pessoas mais conscientes”. A existência de um Círculo de Letramentos fora da escola “certamente transformará o modo de pensar e agir da nossa comunidade”, partilhou Angelane.

A decisão de se tornar uma tutora de letramentos aconteceu por completa adesão e vontade das participantes. “Hoje sou tutora de letramento por escolha própria”, disse Luzineide, “optei por defender, levar adiante, repassar para outras pessoas este curso tão indispensável que nos mostra o prazer de sermos agente transformador da ‘nossa’ educação.”

³ Segundo Delgado-Gaitan (1996): “Empoderamento é um processo de revelação dos potenciais de uma pessoa, através da reflexão coletiva e diálogo contínuo, onde as diferenças cedem espaço para propósitos e objetivos comuns – conseqüentemente, transformando vidas” (p. 11).

A primeira e única regra presente em um Círculo de Letramentos é a de que os participantes podem expressar os seus pensamentos, idéias e sentimentos sem medo de ser julgados negativamente pelos outros participantes do grupo. Podemos dizer que esse é um contrato que é feito pelos membros do círculo, nos primeiros minutos do primeiro encontro, e que assume a simples regra de uma vivência “sem julgamentos”.

Através de uma auto-avaliação escrita dos seus próprios processos de formação em um Círculo de Letramentos, as professoras de Itapajé apresentaram os principais frutos colhidos nos primeiros 18 meses de envolvimento com esse projeto no seu município. Apresentamos abaixo alguns recortes de suas falas seguidos de reflexões teóricas que nos ajudam a fundamentar o modelo de terapia cultural que praticamos com a formação de Círculos de Letramentos.

6 VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS HUMANAS

O fruto mais precioso, dentre os muitos que pude colher com o letramento, foi olhar e ver as pessoas de forma diferente, “sem julgamentos”, sem preconceito, acreditando que todo mundo é capaz de demonstrar e conquistar seu espaço e seu valor. (Marciza)

Até os dias de hoje, a sociedade valoriza e coloca em degraus superiores as pessoas que são portadoras de inteligências matemáticas, ou seja, das ciências exatas. Com certeza, essas pessoas possuem uma inteligência diferente, mas com o que aprendi no letramento e agora defendo até a morte, é que elas não são de maneira nenhuma mais inteligentes ou mais talentosas do que os poetas, os dançarinos, os jogadores de futebol, os compositores, os artesãos ou qualquer outra pessoa; apenas possuem talentos e letramentos diferentes. (Marciza)

A cada encontro fomos descobrindo que cada um de nós tinha um nível de letramento diferente um do outro, mas como a única regra era sem julgamentos, todos nós compartilhávamos nossas emoções, nossas vivências, com uma relação de respeito ao saber de cada um. (Jane)

As falas das professoras que apresentamos acima destacam a valorização das diferenças humanas como uma das importantes aprendizagens vividas por elas nos Círculos de Letramentos. Nesses grupos, iguais e diferentes convivem juntos, independentemente de classe social, idade ou nível de escolaridade. Todos encontram um espaço convidativo para a partilha de seus conhecimentos e de experiências. Sempre que possível, os Círculos de Letramentos devem ser constituídos por um grupo heterogêneo de pessoas (homens e mulheres; jovens e adultos; graduados e não graduados), em que cada pessoa tem a mesma equidade de valor, o não quer dizer, como o nome “equidade” sugere, que todas sejam iguais. Em um Círculo de Letramentos os participantes aprendem com as diferenças e aprendem a valorizar uns aos outros.

7 PLURALIZAÇÃO E INCLUSÃO DOS POTENCIAIS HUMANOS

O letramento me deu este fruto precioso de ver as pessoas de uma ótica diferente, me fez vê-las como elas são realmente: talentosas, habilidosas e múltiplas. (Marciza)

Eu dava pouca importância a outros tipos de letramentos, de outras habilidades, de outros talentos ou de qualquer outro tipo de conhecimento adquirido fora da escola. Pode se dizer que eu era como a grande maioria dos educadores que só valorizam o saber sistemático, o saber científico. Talvez isso ainda seja resquício da epistemologia do conhecimento de Descartes. (Marciza)

Na experiência dessas professoras, a singularidade cedeu espaço para a pluralidade; começando por elas mesmas, descobriram que os seres humanos são dotados de múltiplos potenciais, talentos e formas de expressão. Os encontros no Círculo de Letramentos visam à promoção da consciência de uma prática social que seja inclusiva de todas as pessoas e de todas as formas de comunicação e expressão. A compreensão da pluralidade humana é crucial para que descubramos potenciais humanos. Além de plurais, precisamos ser democráticos, criando oportunidades iguais para que pessoas demonstrem o que elas são e sabem ou raramente os seus potenciais serão reconhecidos. Os seres humanos precisam de espaço e de tempo para se revelar.

8 PRÁTICA LIBERTADORA E ENGRANDECEDORA

Precisávamos de um espaço para abrir os nossos corações e falarmos dos nossos medos: medo de errar, medo do novo; impossível errar naquilo que já conhecemos. A timidez? Não sei, talvez seja insegurança. O letramento veio para lavar as nossas almas e trazer-nos paz; paz em tudo que fazemos e sentimos. Somos professores e principalmente gente. Nossos erros conduzem-nos a um aprendizado maior com bases sólidas. (Luzineide)

A oficina não apenas proporcionou o meu resgate pela leitura e escrita, me fez ver como eu estava trabalhando em sala de aula. A partir dessa reflexão, as aulas foram mais dinâmicas, sempre procurando manter um ambiente propício para o prazer de leitura e escrita. Procuo ouvir cada história de vida das crianças e dar sentido e valorização do seu "eu", para se tornarem compositoras e recompositoras de mundo. (Jane)

...trabalhando o letramento em sala de aula, os alunos têm a oportunidade de criar e recriar o conhecimento. (Angelane)

Livrar-se de condições opressivas, compreendendo por que agimos como agimos em nossas vidas, são objetivos da terapia cultural. Como ressalta Luzineide na fala acima, "precisávamos de um espaço para abrir os nossos corações e falarmos dos nossos medos". Através da verbalização dos medos e da superação de momentos opressivos, os participantes de um Círculo de Letramentos abrem portas para a emergência de potenciais dormentes. Esses potenciais podem ser expressos através de múltiplas formas de comunicação e expressão (poesia, pintura, colagem, dramatização, crônicas, música, dentre outras), uma forma que permita a liberdade de expressão do ser, dando-lhe voz e vez. Para que essa emergência de potenciais aconteça, necessário se faz ressaltar a importância da regra básica e única do "sem julgamentos". Com essa condição presente, os participantes se sentem livres para expressar suas idéias, talentos e sentimentos sem medos de serem julgados de forma destrutiva.

Sentindo-se capazes de revelar completamente quem são e o que sabem, os participantes de um grupo de terapia cultural sentem-se mudados como pessoas, sentem que têm mais valor, tornam-se mais independentes, mais solidários com os outros e, além disso, desenvolvem em si uma vontade de transformar.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este trabalho com uma canção composta por José Williams da Silva, um dos professores do município de Itapajé. Nesta canção, intitulada "Letramento: já sonhara com esta idéia", ele canta as mudanças vividas:

Eu vou falar do que aprendi do letramento

Senti uma emoção ao ver ensinada esta educação

Falar e escrever o que pensar sem julgamentos

Permitiu eu demonstrar os meus talentos

No início daquelas aulas que me fizeram pensar assim

Até imaginei me comportar do jeito que eu era antes:

Achar que só é certo dizer palavras por alguém já ditas

Mas fiz o que sonhei na minha vida

Eu sei que ler e escrever são ações que fazem crescer

Fazendo tudo com prazer sem ter ninguém para julgar

Era o que eu sempre queria na minha vida

Passei a dar valor mais do que nunca a meus pensamentos

E expor o que eu quizer de acordo com minha imaginação

E agora sem ter medo faço o que eu mais queria:

Fazer o que sonhei na minha vida

Eu sei que ler e escrever são ações que fazem crescer

Fazendo tudo com prazer sem ter ninguém para julgar

Era o que eu sempre queria na minha vida.

A vivência de uma terapia cultural nos Círculos de Letramentos é um convite à mudança pessoal, que, por extensão, pode promover uma mudança social. O processo de mudança, como nos lembra Geertz (1995), aparentemente não é um desfile que possa ser assistido enquanto ele passa (p. 4). A vontade de mudar precisa ser sentida e vivida por cada participante de um Círculo de Letramentos, que 'juntamente com seus colegas' partilham juntos as múltiplas ferramentas que possam esculpir um novo jeito de ser e de lidar com realidades antigas.

O tempo de mudança varia de pessoa para pessoa. A riqueza de uma vivência grupal como a que descrevemos neste trabalho consiste na constante troca de ferramentas que são trazidas de forma singular por cada

participante. No processo de partilha das suas ferramentas, um participante se sente motivado a esculpir o seu mundo com a ferramenta do seu colega, cantando, desenhando, escrevendo..., aplicando-a a sua vida pessoal e ao seu contexto cultural, desencadeando um conjunto de mudanças, que saem do âmbito pessoal e assumem o caráter de mudança social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTE Jr., F. Literacies without judgment: *Composing a (con)text for cultural healing in northeast Brazil*. Tese de Doutorado. University of New Hampshire, USA, 1998.
- CAVALCANTE Jr., F. e PEREIRA, R. Programa educação para a vida: jornal e letramentos na escola e na comunidade. *Anais da II Jornada de Educação a Distância do Mercosul* (p. 320-326). Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1998.
- DELGADO-GAITAN, C. *Protean literacy: extending the discourse on empowerment*. Washington, DC: The Falmer Press, 1996.
- FINNAN, C. R. Studying in accelerated school: schoolwide cultural therapy. In: SPINDLER, G. e SPINDLER, L. *Pathways to cultural awareness: cultural therapy with teachers and students* (p. 93-129). Thousand Oaks, CA: Corwin Press, 1994.
- FREIRE, P. *Pedagogy of the oppressed*. Translated by Myra B. Ramos. New York: Continuum, 1982.
- FREYRE, G. Nota prévia. In: LOPES, R. (Org.). *Literatura de cordel: antologia* (p. xix-xx). 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.
- FUJITA, M. e SANO, T. Children in American and Japanese day-care centers: ethnography and reflective cross-cultural interviewing. In: TRUEBA, H. e DELGADO-GAITAN, C. (Eds.). *School and society: learning content through culture* (p. 73-97). New York: Praeger, 1988.
- GEERTZ, C. *After the fact*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- McDERMOTT, R. e VARENNE, H. Culture as disability. *Anthropology and Education Quarterly*, 26 (3), 324-348, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. *The visible and the invisible*. Evanston: Northwestern University Press, 1968.
- SCHRAM, T. Players along the margin: diversity and adaptation in a lower track classroom. In: SPINDLER, G. e SPINDLER, L. *Pathways to cultural awareness: cultural therapy with teachers and students* (p. 61-91). Thousand Oaks, CA: Corwin Press, 1994.
- SCHRAM, T. A cautionary tale of collaboration and change in northeast Brazil. *International Journal of Educational Reform*, 7 (3), 129-135, 1998.
- SPINDLER, G. *The transmission of American culture*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1959.
- SPINDLER, G. e SPINDLER, L. Roger Harker e Schönhausen: from familiar to strange and back again. In: SPINDLER, G. (Ed.). *Doing the ethnography of schooling: educational anthropology in action* (p. 20-46). New York: Holt, Rinehart and Winston, 1982.
- SPINDLER, G. e SPINDLER, L. Instrumental competence, self-efficacy, linguistic minorities, and cultural therapy: a preliminary attempt at integration. *Anthropology and Education Quarterly*, 20 (1), 36-50, 1989.
- SPINDLER, G. e SPINDLER, L. What is cultural therapy?. In: SPINDLER, G. e SPINDLER, L. *Pathways to cultural awareness: cultural therapy with teachers and students* (p. 1-33). Thousand Oaks, CA: Corwin Press, 1994.
- SUÁREZ-OROZCO, M. Learning culture: the Spindlers' contribution to the making of American anthropology. In: BOYER, L.B. e BOYER, R. M. (Eds.). *The psychoanalytic study of society* (volume 17): essays in honor of George D. and Louise A. Spindler (p. 45-58). Hillsdale, NJ: The Analytic Press, 1992.
- TRUEBA, H. Cultural therapy in action. In: TRUEBA, H., RODRIGUEZ, C., ZOU, Y. e CINTRÓN, J. *Healing multicultural America: Mexican immigrants rise to power in rural California* (p. 155-168). Washington, DC: The Falmer Press, 1993.
- TRUEBA, H. Foreword. In: SPINDLER, G. e SPINDLER, L. *Pathways to cultural awareness: cultural therapy with teachers and students* (p. vii-xi). Thousand Oaks, CA: Corwin, 1994.